

## **Rasgando o Véu das Hegemonias: Contabilidade como Instrumento Emancipatório de Mulheres Empreendedoras na Amazônia**

**JULIENE DO SOCORRO E SILVA PEREIRA**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)

**ALEFF DOS SANTOS SANTANA**  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)

**ADRIANA RODRIGUES SILVA**  
INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM

# **RASGANDO O VÉU DAS HEGEMONIAS: CONTABILIDADE COMO INSTRUMENTO EMANCIPATÓRIO DE MULHERES EMPREENDEDORAS NA AMAZÔNIA**

## **1. INTRODUÇÃO**

Desde a constituição das primeiras sociedades civis, foi atribuído ao homem características capazes de identificá-lo como ser superior, principalmente pela ideia, historicamente associada, deste ser o protetor familiar e defensor dos interesses coletivos (Lugarinho, 2013). Ao homem também foi atribuído o poder de comercialização e movimentação do mercado. No entanto, esse cenário vem passando por modificações, tendo em vista a luta e a incorporação das mulheres nessas atividades (Monteiro, 2007).

Não obstante, o empreendedorismo tem sido o meio mais contemporâneo de manifestação dessas alterações (Nogueira, Alvarez & Urbano, 2013; Dornelas, 2012). O empreendedorismo feminino é capaz de transformar concepções em oportunidades (Dornelas, 2012), possibilitando a colocação de muitas mulheres no mercado de trabalho (Nogueira, Alvarez & Urbano, 2013) e permitindo crescimento, benefícios e geração de emprego para outras mulheres, tornando-se um ciclo positivo nas sociedades (Monteiro, 2007).

Na Amazônia, as mulheres empreendedoras criam emprego e renda para o público feminino (Queiroz, 2013). Além do mais, empreender na Amazônia incentiva grupos familiares (Filion, 1999), bem como provoca uma busca persistente por preservar e desenvolver a sustentabilidade no contexto em que essas mulheres estão inseridas (Gomes, 2021). Neste cenário, a contabilidade pode desempenhar um papel fundamental, essencialmente no auxílio de rupturas de paradigmas socialmente criados (Sampaio, Gomes & Portes, 2017).

Ao relacionar a contabilidade como ferramenta de emancipação para mulheres empreendedoras, sabe-se que esta ciência estuda minorias em um ambiente social (Gallhofer & Haslam, 2017). Visto que hegemonias, dupla jornada de trabalho e a prática preconceituosa continuam fortalecendo barreiras em desfavor das mulheres (Bruschini & Lombardi, 2002), a contabilidade pode ser capaz de mostrar à sociedade um novo olhar social, possibilitando a liberdade, oportunidade, dentre outros fatores (Haslam, 2016; Jonathan, 2005).

As hegemonias se sustentam nos domínios econômicos, políticos, culturais e ideológicos de grupos dominantes e em indivíduos vulneráveis (Fairclough, 2016). São construtos que afetam negativamente a diversidade e a garantia de direitos fundamentais (Ferreira, 1986). Logo, precisa-se de instrumentos que venham ajudar as minorias a superar esses obstáculos (Gallhofer & Haslam, 2017; Ferreira, 1986).

Embora existam pesquisas sobre a contabilidade como mecanismo de transformação social (Gallhofer & Haslam, 2019; Sampaio, Gomes & Portes, 2017), ainda persiste uma demanda na literatura especializada por estudos que demonstrem o poder emancipatório da ciência contábil em regiões remotas e com grupos minoritários (Gallhofer & Haslam, 2019; Queiroz, 2013; Filion, 1999), como o de mulheres empreendedoras atuantes na Amazônia.

No sentido de preencher a lacuna existente na literatura, este trabalho tem como objetivo examinar se o poder emancipatório da contabilidade possibilita rupturas de hegemonias no contexto de mulheres empreendedoras na Amazônia. Para efeito, utilizou-se como método de pesquisa o relato oral na modalidade de depoimento pessoal. Participaram do presente estudo quatro empreendedoras com formação em contabilidade e com empreendimentos localizados na região amazônica.

O contributo desta pesquisa consiste na evidenciação da contabilidade, juntamente com o empreendedorismo feminista, como ferramenta capaz de apoiar o rompimento de estruturas sociais preconceituosas e machistas, propiciando liberdade e igualdade entre os atores da

sociedade. Isto é, o exercício do poder emancipatório da contabilidade para modificar positivamente os ambientais, tanto sociais, quanto organizacionais.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. Empreendedorismo Feminino

O empreendedorismo vem conquistando amplo destaque nacional e internacional, apresentando relevância nos anos 90, mas com o ápice entre 2000 a 2010 (Dornelas, 2012). Em 2019, o *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) evidenciou que a taxa de empreendedorismo total (TET) no Brasil foi de 38,7 %, ou seja, a estimativa é que 53,4 milhões de brasileiros estejam desenvolvendo alguma atividade empreendedora (Onozato *et al.*, 2020). Já no ano de 2020, devido à crise causada pela pandemia do covid-19, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) estima que a taxa de empreendedorismo cresça 25%, aumento ocasionado pelos grupos mais prejudicados com o desemprego, como as mulheres.

Alguns autores (Baron & Shane, 2007; Dornelas, 2012; Sarkar, 2010) definem o empreendedorismo como ideias inovadoras que possibilitam a produção de benefícios e melhorias sociais. Para Dornelas (2012) o empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, são capazes de transformar ideias em oportunidades. Ainda, segundo Sarkar (2010), essa atividade é o processo de criação e/ou expansão de negócios que são inovadores ou nascem a partir de oportunidades verificadas. Baron & Shane (2007) conceituam o empreendedorismo como a envoltura de reconhecer a oportunidade para criar algo novo, porém, não é necessário a formação de um novo serviço ou produto.

Quando buscamos a aplicação desse conceito nas atividades empreendedoras das mulheres, a literatura sobre o empreendedorismo feminino demonstra limitações e não retrata com clareza as informações acerca do assunto e nem com devido protagonismo os casos envolvidos (Kobeissi, 2010). A falta de acesso ao conceito de empreendedorismo feminino faz com que a mulher se enquadre amplamente na definição de “empreendedor”, não existindo diferenças entre homens e mulheres empreendedores (Strobino & Teixeira, 2014).

Não obstante, as mulheres vêm se sobressaindo cada vez mais no mercado de trabalho, remetendo assim a um grande interesse, tanto no setor público, quanto em instituições acadêmicas sobre o fenômeno do empreendedorismo feminino, visto que estão se destacando em cargos de liderança, conquistando mais espaços nas organizações e obtendo reconhecimento pelas funções desenvolvidas (Nogueira, Alvarez & Urbano, 2013).

No Brasil, o Sebrae (2020) aponta que nos últimos dois anos a proporção de mulheres empreendedoras cresceu, chegando a 45% dos empreendedores. Além disso, estas são categorizadas como “chefes de domicílio”. Isto é, a atividade empreendedora conferiu para essas mulheres a posição de principal fonte de rendimento de suas famílias, superando as condições de seus cônjuges. Atualmente, existem aproximadamente 9,3 milhões de mulheres à frente de um empreendimento, correspondendo a 34% de todos os proprietários de negócios no país.

Por outro lado, a desvalorização do público feminino e as baixas remunerações estão associadas à imagem equivocada da mulher como pessoa dependente e obrigada a trabalhar apenas na esfera doméstica (Bruschini & Lombardi, 2002). Contudo, o rompimento desse paradigma impõe às mulheres uma duplicidade de papéis, ou seja, uma dupla jornada de trabalho. Para Jablonski (1996) a dupla jornada de trabalho diz respeito ao acúmulo de tarefas que geram problemas e conflitos, assim como estresse nas mulheres. O conflito entre trabalho e família está relacionada a três dimensões: tempo excessivo gasto no trabalho; tensão (ansiedade, depressão e irritabilidade); e comportamento, ligados a autoconfiança e objetividade (Greenhaus & Beutel, 1985). Ainda assim, muitas mulheres resolvem empreender

em busca da flexibilidade de horários, desenvolvendo habilidades para administrar esses impasses (Gomes, Santana & Araujo, 2009; Shelton, 2006; Quental & Wetzel, 2002).

Quanto à expansão dos negócios, comparada aos homens, as mulheres empreendedoras buscam crescer de formas diferentes, pois são mais conservadoras e limitam seu planejamento, crescimento e tomadas de decisões de maneira solo (Irme, 2019). Ademais, as empreendedoras enfrentam dificuldades em conseguir recursos financeiros (Irme, 2019; Robb & Watson, 2012), restrições no acesso à crédito (Irme, 2019; Julien, Marchesnay & Machado, 2012), preconceito social (Julien, Marchesnay & Machado, 2012), falta de política e incentivo governamental voltadas às empreendedoras (Onozato *et al.*, 2020; Sebrae, 2018) e conflitos nas relações de trabalho e família (Mari, Pagessi & Devita, 2016).

Os traços de definição do público feminino que estão na direção do seu próprio negócio persistem no decorrer dos anos. Desse modo, para Buttner e More (1997) existem três fatores fundamentais no perfil das mulheres empreendedoras: (i) autodeterminação, autonomia e liberdade; (ii) controle do seu destino; e (iii) barreiras relacionadas ao desenvolvimento profissional dessas mulheres. Ainda, as empreendedoras buscam autonomia, flexibilidade de horários, quebra de paradigmas, liberdade e igualdade de direitos.

Mesmo com o desenvolvimento do público feminino no mercado de trabalho, não diminuíram as desigualdades de gênero (Abramo, 2004) ou a discriminação (Abramo, 2015), tampouco facilitaram o acesso em cargos hierarquicamente mais importantes (Sebrae, 2018). Ademais, esse grupo também enfrenta problemas relacionados à baixa pretensão salarial. Pois embora possuam, na maioria das vezes, os níveis mais elevados de educação que os homens designados para posições semelhantes, as mulheres acabam recebendo menos por sua mão-de-obra (Dieese, 2021; Blau, 1987). Conforme Madalozzo (2011), as dificuldades de investimentos também são geradas pelo preconceito que as empresas criam ao preferirem os homens como CEO (*Chief Executive Officer*) por acreditarem que estes são mais racionais nos negócios.

Os ambientes organizações fundamentados nos pressupostos de superioridade masculina colaboram com o surgimento do fenômeno teto de vidro, caracterizado pela imposição de barreiras invisíveis que dificultam a ascensão profissional das mulheres (Santos, Tanure & Neto, 2014). A análise desenvolvida por Botelho *et al.* (2009) evidencia que as dificuldades enfrentadas pelo público feminino estão relacionadas, diretamente, aos paradigmas culturais e sociais refletidos no meio profissional.

Porém, as instabilidades econômicas, políticas, culturais e sociais dos séculos XIX e XX permitiram que as mulheres pudessem disputar por melhores cargos e por profissões antes vinculadas somente à figura masculina (Schweitzer, 2008). A expectativa do Sebrae é que esse grupo alcance 49% da PEA (População Economicamente Ativa) em 2020, pois as mulheres começaram a fazer parte do processo decisório das organizações, bem como a produzir e gerenciar seus próprios negócios (Souza *et al.*, 2016). Nesse último ponto, o empreendedorismo feminino vem contribuindo com a superação de barreiras profissionais enfrentadas pelas mulheres (Nogueira, Alvarez & Urbano, 2013), não no sentido de crescimento dentro das organizações, mas na constituição de empreendimentos próprios que colocam este público em posições de destaque.

## **2.2. Hegemonia e a Mulher Empreendedora na Amazônia**

Para Ferreira (1986), a hegemonia é uma idealização de supremacia, ou seja, superioridade de um povo sobre o outro. À exemplo, podendo ser do sexo masculino sobre o feminino. Completando o pensamento, Fairclough (2016) destaca que a hegemonia pode advir de domínios econômicos, políticos, culturais e ideológicos. As grandes variáveis da hegemonia, primordialmente se tratando de minorias, gêneros e sexos é contra a igualdade, sendo isso, defendido por paradigmas sociais (Fairclough, 2016; Ferreira, 1986).

Ao avaliar a hegemonia relacionada ao empreendedorismo feminino, Mussak (2004) defende a “revolução dos sexos” ao afirmar que a Revolução Industrial do século XX, foi indispensável aos homens, permitindo direito a eles. A revolução dos sexos, traz as mulheres maior reconhecimento da sua capacidade relacionado aos seus direitos, saindo da inferioridade e submissão. Atualmente, as mulheres se tornaram mais independentes e donas de seus próprios destinos e de suas escolhas (Marchesnay & Machado, 2012).

Ao tratar de mulheres empreendedoras na Amazônia, é essencial a recordação da utilização de recursos sustentáveis nos negócios da região (Rodrigues, 2020). Em acordo, Ferreira (2020) enfatiza que as mulheres na Amazônia possuem uma conservadora relação, porque além de conseguirem tirar insumos e renda para o seu próprio desfrute e da sua família, dispõem um acolhimento efetivo que vai mais à frente do trabalho. É totalmente viável avaliar os benefícios para a conservação ambiental, geração de renda local e a relevante participação no desenvolvimento sustentável (Gomes, 2021).

Ao analisar o trabalho desenvolvido por Queiroz (2013), um dos poucos trabalhos referidos ao empreendedorismo na Amazônia, os resultados obtidos foram que as mulheres, inicialmente empreendiam por necessidade e sentiam-se sobrecarregadas e culpadas por não saberem administrar suas tarefas com seus filhos. Com o decorrer do tempo, aquelas mulheres passaram a sair da informalidade e a empreender por oportunidade. Ao avaliarem suas capacidades e determinação, optaram por inovar em ramos, sempre atentas à visão de independência, pensamentos positivos que acabaram por incentivar seus familiares e a capacidade de mulheres gerarem oportunidade de emprego e renda para outras mulheres.

Na Amazônia é comum o incentivo familiar, que acaba alcançando uma rede de familiares interessados nos mais variados ramos. Para Fillion (1999), os indivíduos que têm mais chances de empreender são aqueles que já possuem empreendedores na família, pois utilizam esse familiar como exemplo. Ao relacionar às mulheres com a ação de empreender e com o seu papel educacional, estas podem contribuir diretamente para o conhecimento empreendedor de seus filhos e familiares.

Existem pontos convergentes entre as mulheres das mais variadas regiões, como: a duplicidade de papéis, a hegemonia e o androcentrismo, e o patriarcalismo. Todavia, as mulheres estão se sobressaindo graças à sua força produtiva e à geração de renda (Queiroz, 2013). A busca por equidade entre gêneros vai muito além de requisitos econômicos, políticos, legais e participações gerais, é uma busca também por equidade em direitos (Cruz, 2012). Ao alcançar a equidade e romper desigualdades, rompe-se os preceitos e os paradigmas patriarcais (Andrade, 2008).

No âmbito dos negócios e da gestão, a contabilidade pode ser uma ferramenta útil para ajudar a romper estruturas opressivas (Gallhofer & Haslam, 2009), objetivando contribuir para a emancipação humana e com a mudança social (Gallhofer & Haslam, 2015, 2011, 2004, 2002, 1996). Isso porque, é uma ferramenta que pode ser útil para a realização de uma análise crítica das relações sociais, influenciando e incentivando discussões; evidenciando o diálogo sobre exploração, desigualdade e violência sofrida por indivíduos; desvendando e transformando situações que violam os direitos humanos (Gallhofer & Haslam, 1996) superando os ditames da racionalidade positivista que sujeita a consciência e as ações humanas ao imperativo de leis universais (Menezes; Santiago, 2014). Esse potencial da contabilidade a caracteriza como emancipatória.

### **2.3. Contabilidade Emancipatória**

A contabilidade emancipatória pode ser uma ramificação da contabilidade social, tornando-se um alvo novo em pesquisas sociais e críticas (Gray *et al.*, 2013). Isso porque, a nova contabilidade social é utilizada para se referir aos amplos conceitos da contabilidade, fazendo analogias aos mais variados assuntos que estão correlacionados, principalmente, aos

relatórios ambientais e sustentáveis, diversidades regionais, desigualdades de gênero e outros (Braga & Paulani, 2020p). Nessa lógica, a contabilidade social é apontada como importante e indispensável para a contabilidade emancipatória por oferecer essas perspectivas de estudos críticos direcionados a contextos diferentes da sociedade (Gallhofer & Haslam, 2004).

Para Haslam (2016) a emancipação necessita ser observada de modo a movimentar a contabilidade em relação as possibilidades de identidades, interesses e projetos, em termos de posicionamento desses em uma atividade evolutiva. A relação entre a contabilidade e a emancipação precisa ser visualizada como identidade, ou seja, que possa averiguar os mais variados ambientes e a ampla gama de indivíduos, fazendo disso um movimento que tende a estar em constante progresso, considerando que a contabilidade emancipatória tem como finalidade reconhecer as minorias como mulheres, indígenas, classes e gêneros oprimidos (Haslam, 2016). A contabilidade emancipatória objetiva, sobretudo, o desprendimento de preconceitos e a implementação de justiça, igualdade, liberdade e várias formas de emancipação de problemas sociais/organizacionais (Haslam, 2016; Silva, 2016).

Gallhofer & Haslam (1997), há quase vinte cinco anos, já destacavam a necessidade de pesquisas sobre contabilidade emancipatória das minorias, oprimidos, mulheres e indígenas. Atualmente, ainda existe uma alta demanda por pesquisas críticas em contabilidade, que exponham mais possibilidades de estudos essenciais, tanto para a contabilidade, quanto para a emancipação que ela causa (Gallhofer & Haslam, 2019). Isto posto, percebe-se que as poucas pesquisas sobre contabilidade emancipatória direcionam suas abordagens para questões ambientais ou socioculturais de grupos majoritários das sociedades. Não foram identificados estudos direcionados para problemas de classes minoritárias que foram historicamente desvalorizadas, como as mulheres empreendedoras.

A contabilidade advém de uma série de informações lógicas e, portanto, precisa ser melhor examinada para atender as melhorias sociais (Haslam, 2016). As informações necessitam de melhor exploração para que a contabilidade seja de fato emancipatória e alcance o maior número de pessoas possíveis. A emancipação a partir da ótica contábil tem por objetivo impor à justiça, à igualdade, o bem-estar e ser uma ferramenta de rompimento de grandes paradigmas sociais (Sampaio, Gomes & Portes, 2017). Além disso, pode permitir o desenvolvimento moral do indivíduo (Martins, 2001).

Para Sampaio, Gomes e Porte (2017) pensar em emancipação também é associá-la a educação, uma vez que o acesso ao conhecimento permite ao ser humano percorrer um caminho rumo ao crescimento pessoal, profissional e espiritual. Nessa perspectiva, os autores observaram o potencial da contabilidade como uma ferramenta que é capaz de promover a emancipação das mulheres ao assumirem papéis proativos na sociedade, se beneficiando desta ferramenta na condução da vida econômica e financeira da família e dos seus próprios negócios, obtendo para si a liberdade de exercer um ofício ou de conquistar o reconhecimento de ser também uma peça importante para a composição social, econômica e política de uma sociedade.

Estudiosos como Sampaio, Gomes e Porte (2017) trazem uma abordagem da contabilidade capaz de promover e assegurar o bem estar, a igualdade, a justiça social e a liberdade, através de sua capacidade de ser uma ferramenta que pode ser flexível perante os diferentes dilemas da sociedade, como assumindo características repressivas, emancipacionistas e de trabalhar em direções opostas, no sentido de uma oprimir e a outra libertar, características estas que dão à contabilidade uma abordagem emancipatória. Na próxima seção, apresenta-se a metodologia usada neste estudo.

### **3. METODOLOGIA**

#### ***3.1 Método***

Para atender o objetivo proposto neste estudo, adota-se a abordagem qualitativa de pesquisa, aplicando, para tanto, o método do relato oral - subclassificação “depoimento pessoal”. Esta metodologia se fundamenta nas narrativas orais de experiências dos indivíduos, quanto agentes humanos de participação social (Kosminsky, 1986). Se diferencia da história de vida porque permite a observação direta do fenômeno investigado e, conseqüentemente, com lapso temporal de análise menor e mais aprofundado em informações (Queiroz, 1983). Nesta pesquisa, a utilização do método propicia a compreensão da presença de mulheres no contexto social do empreendedorismo, porém, limitado ao período específico de suas trajetórias.

Subsidiariamente, aplicou-se o método da pesquisa exploratória. A pesquisa exploratória foi utilizada em decorrência das particularidades do fenômeno. Pois a contabilidade emancipatória tem múltiplas abordagens. O referido método permite aumentar o conhecimento em diversos aspectos do objeto (Oliveira, 2011), neste caso, especificamente acerca do poder emancipatório da contabilidade no empreendedorismo feminino.

#### ***3.2 Procedimentos de Escolha da Amostra***

Quando a pesquisa exploratória é aplicada, deve-se escolher grupos pequenos de amostragem (Oliveira, 2011). Os parâmetros da amostra têm que respeitar o limite mínimo de quatro entrevistados e o máximo de dez afim de evitar, ou a insuficiência de informações, ou o acúmulo de dados não essenciais que podem desviar o foco da discussão dos achados (Eisenhardt, 1989).

Este estudo contou com a participação de quatro empreendedoras proprietárias de negócios diversificados na região amazônica. Para selecionar as participantes, os pesquisadores utilizaram as redes sociais. Foram realizadas buscas por perfis de mulheres publicamente declaradas empreendedoras, com formação acadêmica em contabilidade e com domicílio de suas atividades econômicas na região amazônica. As empreendedoras encontradas nas buscas foram convidadas a participar da pesquisa. Dos convites realizados, quatro mulheres concordaram em colaborar de forma voluntária com o estudo, compondo, desse modo, a amostra da pesquisa.

#### ***3.3 Coleta e Tratamento dos Dados***

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas nos meses de junho e julho de 2020. A partir das literaturas especializadas sobre contabilidade emancipatória e empreendedorismo feminino utilizadas para a construção da seção 2 “Referencial Teórico”, criou-se um roteiro de perguntas para atender a demanda da presente pesquisa. No mês de maio de 2020, o questionário passou por um pré-teste com duas das participantes que aprovaram o instrumento de coleta de dados.

As perguntas foram divididas em duas unidades de análise. Na primeira unidade, buscou-se mostrar a contabilidade no empreendedorismo feminino com a finalidade de compreender os motivos da escolha da contabilidade pelas empreendedoras da Amazônia, e como elas aplicam o conhecimento contábil nos seus negócios. Também, na primeira unidade, objetivou-se apresentar o ambiente de problemas organizacionais e os métodos de superação utilizados por elas, antes da formação em contabilidade. Na segunda unidade, buscou-se evidenciar a contabilidade como instrumento emancipatório de mulheres empreendedoras na Amazônia, visando essencialmente revelar como a contabilidade pode ser aplicada para a superação de barreiras pessoais e profissionais, bem como para o rompimento de paradigmas sociais. Ressaltamos que antes dessas duas unidades, foram realizados questionamentos pessoais para entender mais sobre as empreendedoras e seus empreendimentos.

Como a pesquisa foi aplicada durante a crise pandêmica do novo coronavírus (covid-19), todos os procedimentos de segurança recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) foram respeitados. As entrevistas aconteceram por meio de videoconferências e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram enviados para os endereços eletrônicos das participantes que os assinaram. A devolução dos TCLEs também ocorreu de forma eletrônica. Destaca-se que as entrevistas foram gravadas com duração média de 50 minutos cada. No mais, as gravações foram transcritas, totalizando 24 páginas.

### **3.4 Forma de Análise dos Dados**

Para escolher a fundamentação do estudo, examinar os dados e discutir os resultados, usou-se a técnica de análise de conteúdo. Essa ferramenta é adotada para descrever e interpretar o conteúdo de todos os tipos de documentos e textos (Moraes,1999).

Quanto a operacionalização da técnica, efetuou-se primeiro o recorte do material utilizado (Oliveira, 2011). Os textos foram separados segundo o conteúdo abordado, assim, escolheu-se aqueles mais direcionados à contabilidade emancipatória e ao empreendedorismo feminino. Após essa seleção, o conteúdo foi apresentado sob forma de atender o objetivo deste estudo.

Todavia, para que a referida técnica metodológica não se limitasse à descrição dos dados, também foram realizadas inferências e interpretações (Moraes,1999). Dessa forma, a partir da leitura, buscou-se compreender seus significados. A interpretação relacionou as concepções encontradas na fase exploratória do material com o referencial e os achados, chegando, dessa forma, nas conclusões apontadas no decorrer da pesquisa.

## **4. DESCRIÇÃO DOS DADOS**

Os dados estão divididos em dois grupos. Primeiro são apresentados os relatos das empreendedoras relacionados à contabilidade no empreendedorismo feminino. Em seguida, na segunda subseção, são demonstrados os relatos relacionados à contabilidade como instrumento de emancipação e ruptura de hegemonias das mulheres empreendedoras na Amazônia.

### **4.1 Contabilidade no Empreendedorismo Feminino**

As mulheres representam força e resistência tanto na contabilidade, quanto no empreendedorismo feminino. Existem variados motivos que podem levar as mulheres a optarem pela contabilidade, podendo ser por oportunidade e afinidade. No caso das entrevistadas, a empreendedora 1 relatou: *“eu tive a oportunidade de trabalhar como auxiliar contábil numa empresa pequena há anos atrás, eu nem conhecia a contabilidade [...], quando eu comecei a trabalhar, comecei a gostar, a parte de gerenciamento e a parte da organização, do controle, da análise também, comecei a amar a contabilidade e eu fui procurar o curso”*.

Outros motivos podem ser o conhecimento e segurança financeira, como destaca a empreendedora 2: *“a contabilidade nos permite esse conhecimento de como funciona o negócio. Então, como eu sempre gostei de empreender, vender roupas [...], queria algo que me desse uma segurança, um embasamento científico para que eu pudesse fazer e, entre as minhas pesquisas, optei por contabilidade por ser uma área mais completa, porque me dá números, informações para que eu consiga tomar decisões, por isso eu escolhi a contabilidade”*. Além do mais, algumas das mulheres entrevistadas se viram sendo influenciadas por opções de mercado e por conhecidos que levaram elas à contabilidade.

A contabilidade trouxe soluções para sanar problemas relacionados aos negócios, como aponta a empreendedora 1: *“nós vendemos os bombons regionais; e a gente pegava e vendia, o que recebia não investíamos na empresa, a gente acabava gastando. Então, a contabilidade veio para inovarmos o empreendedorismo dentro da nossa empresa. A gente inovou com novas*

*iniciativas, então hoje em dia, através da contabilidade, nós inserimos o empreendedorismo e a empresa está tendo um resultado positivo”.*

Contudo, a contabilidade pode ser influente no conhecimento empreendedor, segundo a empreendedora 3: *“a contabilidade não me despertou, porém me deu visões mais amplas sobre empreender”.* Unir a contabilidade ao empreendedorismo pode ser mais vantajoso, relacionado a independência, no caso da empreendedora 4: *“então os professores sempre incentivaram os contadores a não serem apenas empregados. Ter essa relação empregado e patrão, e sim, ser empreendedores, eles sempre diziam que os contadores que iam sair daquela, eles teriam seu próprio negócio, então, foi o que me motivou a ter o meu próprio negócio”.*

Sobre como as mulheres empreendedoras utilizam o seu conhecimento contábil no empreendimento, a empreendedora 4 revela: *“relacionar com essa parte do empreendedorismo, primeiro é saber fazer seu fluxo de caixa e saber manipular o capital de giro, a gente aplica isso. Esse conhecimento de contabilidade se torna muito mais fácil quando a gente se torna empreendedora, porque é muito mais fácil você identificar [...]. Então, tudo isso daí tu consegues absorver e colocar em prática”.* Ainda, a empreendedora 1 complementa: *“conhecimento contábil, eu passei a agregar as competências gerenciais, então, agora, eu gerencio a empresa usando o conhecimento adquirido na contabilidade [...]”.*

A empreendedora 2 utiliza a contabilidade como ferramenta de resposta para outros empreendedores: *“assim, como eu levo soluções empresarial para outros empreendedores, eu a levo como a solução dos problemas (referindo-se à contabilidade), porque a gente consegue analisar a maioria dos problemas dos empreendedores do Brasil [...] e o objetivo principal da contabilidade é gerar informações concretas, para que os usuários tomem melhores decisões baseados em indicativas contábeis”.*

É importante evidenciar que muitas mulheres passam por dificuldades ao longo dos anos em ambientes organizacionais, nessa pesquisa, em especial, foi possível identificar alguns desses desafios. Dentro das organizações houveram assédios e atitudes incorporadas do contexto patriarcal, como narra a empreendedora 3: *“tem a questão que sempre acham que o homem é mais competente do que a mulher, sofri assédio, também, assédio do meu ex-chefe. Assim, a gente não podia falar nada, porque eu trabalhava lá e precisava, o que eu fazia? Me fazia de cega (referindo-se que fingia não visualizar o problema). Ele me chamava para jantar, para sair e eu me fazia de desentendida, porque era o emprego que pagava minhas contas todo mês [...]. Vale ressaltar que eu chegava lá, eu quem tinha que fazer as coisas, varrer a sala, limpar as mesas. Enquanto que o homem já chegava e se sentava para trabalhar. Hoje, eu consigo enxergar porque as coisas estão vindo à tona, mas na época era algo comum, um trabalho doméstico desenvolvido no meu trabalho”.*

O conhecimento contábil, juntamente com o empreendedorismo, mostrou-se transformador para mulheres entrevistadas e seus familiares, a empreendedora 2 ressalta: *“antes da contabilidade, confesso que era bem difícil, por vir de uma família humilde e que enfrentava muitas dificuldades. A forma que lidava com isso, era uma forma um tanto quanto desesperada, era tudo desordenado. A feita que a contabilidade entrou, o meu poder de compra e o meu poder aquisitivo cresceram, o da minha família também”.*

A contabilidade e o empreendedorismo, além de permitir a superação de barreiras, trouxe empoderamento feminino às mulheres entrevistadas. A empreendedora 2 descreve: *“é uma profissão que empodera a mulher, porque até então era uma profissão feita para homens, não é? A mulher ela tem um diferencial, a mulher contadora tem um diferencial para o homem contador, é algo que a mulher tem que o homem não tem, que é a capacidade de observação. Então a contabilidade em si, ela é uma profissão que precisa de uma observação bem maior, por causa dos números, da análise e tudo isso é muito importante”.*

Acrescenta a empreendedora 4: *“a contabilidade ainda é vista como algo predominante masculino, apesar de no curso a gente ver que a sala possui mais mulheres que homens. Mas,*

*no mercado atuante, no setor business que é onde eu atuo, lidando com empresários, nós lidamos muito com o público masculino e aí vemos que a contabilidade vem quebrar essa barreira, na minha vida ela quebrou [...]. A contabilidade me proporcionou viagens, conhecimento, a contabilidade me ajudou a entrar em um mundo que ainda é predominante masculino. A questão social já aconteceu, eu chegar em um ambiente de trabalho começar a me destacar, alguns homens duvidam da minha competência por medo de ter seus cargos perdidos para uma mulher”.*

A empreendedora 3 enfatiza a relevância do conhecimento contábil e como conseguiu superar barreiras dentro do empreendimento: *“[...] é uma profissão extremamente importante para qualquer tipo de empreendimento, depois que eu tive o meu empreendimento, eu via pessoas falando que contador era muito caro, hoje eu vejo o quanto é importante ter uma boa contabilidade, ainda mais depois dessa pandemia, o que eu vi de amigos desesperados [...]. A contabilidade proporcionou uma qualidade de vida muito boa ao meu empreendimento [...]”.*

#### **4.2 Contabilidade para Ruptura de Hegemonias no Contexto das Empreendedoras na Amazônia**

Ao avaliar a superação de barreiras profissionais no contexto estudado, ressalta-se que o curso superior acaba possibilitando outras oportunidades e visões (como a mulher passa a ser vista socialmente), além de atribuir a elas capacidade e conhecimento. Nesse sentido, destaca a empreendedora 1: *“[...] antes de eu ser formada as pessoas me olhavam de um jeito, e a partir do momento que eu me formei os olhares foram totalmente diferentes, assim, as pessoas parecem que passam a te enxergar e passam a valorizar. [...] passam a acreditar no teu potencial e, antes disso, elas não me davam credibilidade adequada, como se tu não tivesses a capacidade do que você fala ou faz”.*

A empreendedora 2 acredita que a contabilidade pode ser vista ainda como uma área totalmente masculina e, ao ter a inserção da mulher, desmistifica essa barreira de homogenia. Esta participante ressalta: *“[...] no setor business que é onde eu atuo, lidando com empresários, nós lidamos muito com o público masculino e aí vemos que a contabilidade vem quebrar essa barreira, na minha vida, ela quebrou [...]. Muitas vezes, a gente é até surpreendido, porque um homem sempre espera outro homem para falar de gestão e negócios, quando você se depara com uma mulher você quebra essa barreira, e percebe que a mulher também é capaz, a contabilidade ajudou nessa quebra de mentalidade empresarial dentro do business. Esse fato também foi percebido pela empreendedora 4 que reforçou o empoderamento da mulher e a superação de barreiras por meio da contabilidade.*

Quando se analisa o contexto empreendedor em conjunto com a contabilidade, as empreendedoras revelam que ao utilizarem ferramentas corretas, estas ajudam a sanar problemas e proporcionam soluções rápidas e eficazes. Além disso, realçam a importância da contabilidade para os empreendimentos, principalmente no cenário da pandemia da covid-19.

Na pesquisa, foi possível identificar sentimento de desconforto quanto à percepção de igualdade social, visto que as diferenças salariais e os preconceitos ainda estão “extremamente normais” em determinados contextos das participantes. Desse modo, salienta a empreendedora 2: *“Igualdade social, acredito que ainda não, ainda não é uma realidade, a gente ainda vive a questão de diferença salarial, ainda existe um preconceito muito grande no ambiente de trabalho por ser mulher [...]. Eu percebo que tenho feito uma diferença, que daqui há alguns anos acredito que as próximas gerações não irão enfrentar, eu acredito fazer parte de uma geração que é promissora, que tá começando a conquistar espaços [...]”.*

Por outro lado, algumas empreendedoras revelam que a contabilidade possibilitou conhecimento e destaque no desenvolvimento das atividades prestadas, como narra a empreendedora 4: *“A contabilidade me deu um respeito maior [...]. Eu trabalho com diversas bandas culturais do estado e agora, na pandemia, esse fator de ser empreendedora fez com que*

*as pessoas te olhem diferente. Então tem essa questão mais respeitosa, porque além de ser empreendedora, ela é contadora. Meu empreendimento cresceu muito, porque estou em um bairro novo e que ganhou mercado”.*

Para a empreendedora 3, a contabilidade trouxe igualdade social e capacidade de contestação em diversas situações. Ela evidenciou: *“o fato de ser mulher, empreendedora, onde você tem um nível superior e consiga aplicar o que você sabe dentro do seu empreendimento, isso te dará um diferencial absurdo [...]”.* A empreendedora 1 também enfatiza que ao utilizar a contabilidade como ferramenta de gestão, foi possível obter capacidade para adquirir igualdade social.

As participantes concordam que a contabilidade gerou independência financeira e familiar, além de inverter papéis antes pré-definidos. Acentua a empreendedora 1: *“[...] eu estudava e tinha outros serviços domésticos. Hoje em dia, a gente tem empresa e eu quem passei a sair para resolver os assuntos da empresa [...]. Assim, eu passo a maior parte do tempo fora e o meu marido fica com o meu filho. Aquilo que eu fazia antes, ele é quem faz. [...] Antes, tínhamos que o homem trabalhava fora e a mulher que fazia os serviços da casa. Com a minha formação, houve a inversão de papéis, eu fui à rua e ele ficou dentro de casa. A contabilidade me proporcionou isso. [...] A partir do momento que eu passei a lidar com a contabilidade, eu me tornei independente”.*

Para a empreendedora 2, a contabilidade possibilitou a ascensão, bem como melhor qualidade de vida. Ela evidencia: *“A questão da ascensão é real, de ter uma ascensão social [...]. A questão de mudança de padrão de vida, coisas que antes eram muito escassas na minha infância, como recursos alimentares, diversão, vestimentas, bens, imóveis, utensílios e quando eu entrei no mercado eu tive uma ascensão. Então, conseguimos ter outro patamar, um lazer, viajar, comprar um bem que deseja, come melhor, vive melhor, ter uma qualidade, um padrão de vida melhor, que é graças sim à contabilidade. Você passa a crescer na área, a sua família também cresce junto, e uma coisa que é unânime e acaba sendo o crescimento da família como um todo”.*

Além do mais, essas mudanças provocam um incentivo familiar, fazendo com que a família se torne independente. Esclarece a empreendedora 3: *“A empresa, ela tomou um crescimento muito grande, permitiu-me independência, mas também a independência familiar, a minha irmã também adquiriu a independência financeira [...] meu pai também, depois que passei a empreender, meu pai também empreendeu, hoje ele tem o empreendimento dele, acabou comovendo a família toda”.*

Ao relacionar contabilidade e empreendedorismo com valor social, percebe-se maior visibilidade, oportunidades, inovação e lucratividade. Segundo a empreendedora 1: *“[...] a contabilidade me deu visibilidade, tanto nas ações, nas operações, nas vendas [...]. Ao final, nós queremos ter um retorno, um valor social, nós prezamos muito as questões sociais dentro da empresa [...] faz toda a diferença. Então, a gente procura impactar a vida de alguém com as nossas atitudes, por exemplo, nós tentamos mudar do plástico para sacolas recicláveis de papéis. Nós tentamos fazer adequações para que possamos interferir positivamente na vida das pessoas e no meio ambiente. Acreditamos quando uma empresa é socialmente responsável, ela se destaca. E no quesito social, ela me proporcionou independência”.*

O valor social é atribuído ao conhecimento que a Contabilidade causa, assim como a capacidade de impactar na vida de empresários e nos percursos dos empreendimentos. Revela a empreendedora 2: *“O valor social da contabilidade para mim, hoje, [...] é o impacto que a contabilidade causa. [...] porque a contabilidade tem um impacto social forte, porque quando você aplica os princípios contábeis, tudo que aprendemos na faculdade, quando é de fato aplicado dentro dos negócios, ocorre um crescimento, uma evolução dentro da empresa, dentro do negócio [...]. A aplicabilidade da contabilidade dentro do meu negócio, ela gera todo um benefício social e da feita que eu entendo isso como contadora, eu consigo transmitir isso aos*

*meus clientes, para outros negócios, esse é o meu empreendimento. É empreender e ajudar outros empreendedores a entender o objetivo do âmbito social, o objetivo que a contabilidade tem no cenário, que não é apenas você faturar, não é apenas vender e nem ganhar dinheiro, é você gerar riqueza social, expansão e que outras famílias possam ascender socialmente, tendo melhor qualidade de vida. Os princípios e ensinamentos são muito fortes, a ciência contábil tem um valor social muito forte, ela muda conforme os comportamentos são mudados, conforme a sociedade se move, a economia se move”. Ademais, a empreendedora 4 acredita que o valor social agregado pela contabilidade está também direcionado ao empoderamento e a influenciar outras mulheres.*

A contabilidade e o empreendedorismo permitiram o rompimento de paradigmas sociais no contexto das entrevistadas, trouxeram mudanças significativas como o conhecimento e a multiplicidade de desenvolver papéis intelectuais. Nesse sentido, relata a empreendedora 1: *“Antes eu trabalhava em setor operacional, hoje em dia eu passei para o ocupacional. Eu fazia um serviço repetitivo e muitas das vezes as mulheres, na história, elas são colocadas em posições indiferentes. Agora nós podemos ver que isso diminuiu, as mulheres ganharam destaque, podendo desenvolver trabalhos mentais e uma variedade de serviços [...]. Hoje em dia, eu tenho muitas responsabilidades, eu posso folhear um processo e analisar ele, eu sei como fazer, eu tenho a capacidade de fazer e as pessoas passaram a me dar essa responsabilidade, porque elas acreditam na minha capacidade de desenvolver isso de modo bem feito [...]. A contabilidade me trouxe isso, o poder que eu tenho hoje.”*

A empreendedora 3 acredita que houveram mudanças no ambiente de trabalho, em especial acerca do crescimento profissional. De acordo com ela: *“[...] visto que ainda é um ambiente masculino, então quando eu entrei e vi que existe um mercado e que eu poderia ter a capacidade, poderia dominar o mercado e fazer diferença, foi através da contabilidade. Mais o conhecimento e o poder de influenciar outras mulheres, porque vejo que outras mulheres se espelham no que eu faço [...]. Apesar de eu estar em um ambiente masculino, o toque feminino, a mulher [...] acaba trazendo uma leveza para dentro desse mercado, o que ajuda a ter e construir essa equidade. Equidade, porque não tem como a mulher ser igual ao homem, pela natureza, nós não somos iguais, ambos têm características diferentes. Então assim, acredito que há espaço para todos se houver equidade”.*

Por último, a empreendedora 4 destaca como a funcionalidade de unir a contabilidade com o empreendedorismo permitiu ao empreendimento a agregação de benefícios. Ela narra: *“Pelo conhecimento [...]. Então, a teoria leva a perfeição da prática, mas é o dia-a-dia que faz com que você melhore e se aperfeiçoe. De início, nada é fácil, mas com o tempo tu ganha experiência e tem essa agregação de valores sociais, com certeza. Se não fosse a contabilidade, talvez, não teria dado tão certo ter o meu empreendimento, são coisas que se completam. Como toda a teoria precisa da prática, a contabilidade me mostrou o empreendedorismo e fez dar certo”.*

## **5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Este trabalho teve por finalidade examinar se o poder emancipatório da contabilidade possibilita rupturas de hegemonias no contexto de mulheres empreendedoras na Amazônia. Os dados permitem afirmar que as mulheres empreendedoras investigadas, desde o início da sua formação até o dia da realização da pesquisa, conseguiram sua emancipação através das ciências contábeis e do empreendedorismo, visto que houve inversões significativas de papéis dentro de seus lares e negócios. As participantes se tornaram independentes, buscando se destacar no mercado para existir equidade entre os gêneros.

Os relatos analisados confirmam os resultados evidenciados na pesquisa de Bruschini e Lombardi (2002). Os autores destacam a desvalorização do público feminino e as baixas remunerações que vem através da imagem utilizada e devassada das mulheres, vinculando-as

ao trabalho somente na esfera doméstica. Ou seja, no âmbito em que atuam, as mulheres estão sujeitas a ações e condutas machistas, tendo que resistir a paradigmas relacionados as questões de gênero.

Outrossim, as mulheres têm a necessidade de desagregar das suas questões pessoais para assumirem suas funções (contrariamente da maioria dos homens), tensões que geram problemas e conflitos como estresse (Jablonski, 1996). Ao avaliar esses conflitos, suas causas e os problemas, sabe-se que estes acabam por atrapalhar o desenvolvimento profissional e pessoal da mulher dentro das suas atribuições diárias (Abramo, 2007). Apesar da evolução social e do período pós-modernidade, as mulheres ainda enfrentam problemas sociais relacionados às hegemonias.

Mussak (2004) revela que a existência de hegemonia no empreendedorismo causou a revolução dos sexos, destacando o público feminino frente aos seus negócios. Dessa forma, resultados apresentados em estudos anteriores (Irme, 2019) expõem que o crescimento dos empreendimentos femininos tende a durar mais, porque o jeito de empreender das mulheres é diferente, certamente, as mulheres são menos agressivas, conversadoras e tomam cuidado com relação às tomadas de decisões, alavancando suas carreiras e preservando a continuidade dos negócios.

A pesquisa de Buttner e More (1997) destaca que a mulher empreendedora possui um perfil, visando a quebra de paradigmas, autonomia, liberdade e igualdade de direitos. Ao analisar os relatos das entrevistadas, torna-se as afirmativas válidas, porque a mulher empreendedora na Amazônia busca todos os complementos de inserção profissional no âmbito em que se enquadra. O grande complemento, neste caso, é a contabilidade emancipatória, pois se tornou o ponto forte na resolução de problemas sociais ao envolver variabilidade de interesses, como argumenta o estudo de Gallhofer e Haslam (2017). Sendo assim, as entrevistadas atribuem suas importantes conquistas empreendedoras à contabilidade.

A contabilidade emancipatória tem por objetivo principal o desprendimento de paradigmas sociais, o senso de justiça, igualdade e liberdade, além de procurar solucionar problemas da sociedade e das organizações (Haslam, 2016). As empreendedoras entrevistadas estão enquadradas nas assertivas, porque ressaltam que a contabilidade pode ser usada como uma ferramenta social, capaz de modificar as limitações da mulher. Para mais, o conhecimento contábil pode expandir o empreendedorismo feminino, mostrando que a contabilidade emancipatória auxilia no rompimento de barreiras sociais, principalmente da incapacidade das mulheres.

Nogueira, Alvarez e Urbano (2013) apontam que a presença de mulheres no mercado de trabalho tem se tornado cada vez mais perceptível, circunstância esta ligada aos impactos e as diferenças que o público feminino vem ocasionando na sociedade. Direcionando para o empreendedorismo, o importante papel das mulheres na execução de suas tarefas tem proporcionado para elas o alcance de cargos de liderança, reconhecimento e destaque (Nogueira, Alvarez & Urbano, 2013). E ao relacionar esses estudos com os dados encontrados nas entrevistas, pode-se colaborar com a validade dessas assertivas, visto que as mulheres se destacam por suas funcionalidades.

Portanto, fica evidente que a contabilidade vem sendo utilizada como ferramenta emancipatória na vida de mulheres empreendedoras na Amazônia. Em razão de possibilitar as participantes desta pesquisa, não somente rasgar o véu da submissão (hegemonias), mas a conquistar destaque, liberdade, conhecimento, reconhecimento e capacidade no prosseguimento de suas atividades.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As hegemonias são práticas que criam o ambiente de superioridade na sociedade, afetando grupos vulneráveis como as mulheres. O público feminino enfrenta verazmente

paradigmas sociais que impõem obstáculos no seu desenvolvimento pessoal e profissional. A literatura especializada releva que esse cenário vem mudando, sendo capaz de transformar o cenário de regiões remotas e com tradições conservadoras, como a Amazônia.

Fatores como o empreendedorismo e o conhecimento nas ciências contábeis podem estar diretamente relacionados a essas modificações positivas nas vidas das mulheres. Diante desse entendimento, este artigo examinou se o poder emancipatório da contabilidade possibilita rupturas de hegemonias no contexto de mulheres empreendedoras na Amazônia. A pesquisa contou com a participação de quatro empreendedoras que cederam depoimentos pessoais por meio entrevistas.

Os resultados evidenciam que as empreendedoras participantes do estudo, antes da atuação profissional no empreendedorismo e da formação em contabilidade, passaram por desafios pessoais e profissionais de preconceito, desvalorização, descrédito de capacidade e, inclusive, assédio. Entretanto, esse ambiente foi impactado pelo poder emancipatório proporcionado pela contabilidade.

O empreendedorismo feminino desempenha uma função essencial no processo emancipatório das mulheres empreendedoras da Amazônia. Porém, as participantes deste estudo enfatizaram e atribuíram à contabilidade o motivo da melhoria das suas condições de vida pessoal e profissional e, sobretudo, da aquisição da independência financeira. Logo, pode-se verificar que a ciência contábil propicia, através de seu poder emancipatório, o rompimento de hegemonias socialmente construídas, por exemplo, como a ideia estimulada na Amazônia de que a mulher deve ser submetida às vontades do companheiro (popularmente denominado de véu do casamento).

Por fim, denota-se como limitação da pesquisa a ausência de outras fontes de dados. À vista disso, os achados se restringem a percepção das entrevistadas, não podendo ser realizadas comparações entre os depoimentos pessoais e os fatos registrados em documentos. Como contribuição, esta pesquisa evidenciou a contabilidade, juntamente com o empreendedorismo feminino, como ferramenta capaz de apoiar o rompimento de estruturas sociais preconceituosas e machistas, e a liberdade e igualdade entre os atores da sociedade. No mais, recomenda-se para estudos futuros a investigação do exercício do poder emancipatório da contabilidade por outros grupos sociais na superação de paradigmas ligados à raça, gênero e sexualidade dos indivíduos.

## REFERÊNCIAS

- Abramo, L. (2015). Uma década de promoção do trabalho decente no Brasil: uma estratégia de ação baseada no diálogo social. Genebra: *Organização Internacional do Trabalho*.
- Abramo, L. (2004). Perspectiva de gênero e raça nas políticas públicas. *Boletim de Mercado de Trabalho*, 1(25):17-21.
- Abramo, L. W. (2007). A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária? Tese de Doutorado - *Universidade de São Paulo*, Brasil.
- Andrade, J. A. (2008). O turismo científico na Amazônia: um estudo das oportunidades, necessidades e potencialidades para a cidade de Manaus. Dissertação de Mestrado - *Universidade Federal do Amazonas*, Brasil.
- Baron, R. A., & Shane, S. A. (2007). *Empreendedorismo: uma visão do processo*. São Paulo: *Cengage Learning*.
- Botelho, L. L. R., Schons, C., C. J., Vieira, B., & Cunha, C. J. C. A. (2009). Desafios gerenciais das mulheres empreendedoras: como exercer a liderança em espaços de identidade masculina? O caso da alpha tecnologia. In: *XIX Congreso Latinoamericano y del Caribe Sobre Espiritu Empresarial*.
- Braga, M. B., & Paulani, L. M. (2020). *A nova contabilidade social: uma introdução à macro economia*. São Paulo: *Saraiva*.

- Buttner, E. H., & Moore, D. P. (1997). Women's organizational exodus to entrepreneurship: self-reported motivations and correlates with success. *Journal of Small Business Management*, 1(35): 34-46.
- Bruschini, C., & Lombardi, M. R. (2002). Instruídas e trabalhadeiras Trabalho feminino no final do século XX. *Cadernos Pagu*, 1(1): 157-196.
- Blau, F. D. (1997). Trends in the well-being of American women, 1970-1995. *National Bureau of Economic Research*, Working Papers 6206: 1-79.
- CRUZ, M. H. S. (2012). Mapeando diferenças de gênero no ensino superior da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão: *Editora UFS*.
- Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - Dieese. (2021). Especial Mulheres - A inserção das mulheres no mercado de trabalho (Brasil e Regiões). Disponível em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/graficosMulheresBrasilRegioes2021.html>. Acesso em: 02/06/2021.
- Dornelas, J. (2012). Empreendedorismo: transformando ideias em negócios, 6ª edição. São Paulo: *Editora Atlas*.
- Eisenhardt, K. M. (1989). Building Theories from Case Study Research. *Academy of Management Review*, 14 (4): 532-550.
- Ferreira, A. B. D. H. (1986). Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: *Editora Nova Fronteira*.
- Ferreira, G. T. C., Kaetsu, P. T., & Cunha, C. L. (2020). Empreendedorismo na Amazônia brasileira: uma revisão sistemática da literatura. *Humanidades & Inovação*, 7(16): 443-455.
- Filion, L. J. (1999). Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de Administração*, 34(2): 5-28.
- Gallhofer, S., & Haslam, J. (1996). Accounting/art and the emancipatory project: some reflections. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 9(5): 23-44.
- Gallhofer, S., & Haslam, J. (1997). The direction of green accounting policy: critical reflections. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 10(2): 148-174.
- Gallhofer, S., & Haslam, J. (1997). Beyond accounting: the possibilities of accounting and "critical" accounting research. *Critical Perspectives on Accounting*, 8(1-2): 71-95.
- Gallhofer, S., & Haslam, J. (2002). Accounting and emancipation: some critical interventions (Routledge Studies in Accounting). Abingdon: *Routledge*.
- Gallhofer, S., & Haslam, J. (2004). Reply to critique of "accounting and emancipation: some critical interventions. Re-Inventing Realities (Advances in Public Interest Accounting, v. 10). Bingley: *Emerald Group Publishing Limited*.
- Gallhofer, S., & Haslam, J. (2009). Emancipation (The Routledge Companion to Accounting History). Abingdon: *Routledge*.
- Gallhofer, S., Haslam, J., & Van Der Walt, S. (2011). Accountability and transparency in relation to human rights: A critical perspective reflecting upon accounting, corporate responsibility and ways forward in the context of globalisation. *Critical Perspectives on Accounting*, 22(8): 765-780.
- Gallhofer, S., Haslam, J., & Yonekura, A. (2015). Accounting as differentiated universal for emancipatory praxis: accounting delineation and mobilisation for emancipation(s) recognising democracy and difference. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 28(5): 846-874.
- Gallhofer, S., & Haslam, J. (2017). Critical Theory (The Routledge Companion to Critical Accounting). Abingdon: *Routledge*.
- Gallhofer, S., & Haslam, J. (2019). Some reflections on the construct of emancipatory accounting: Shifting meaning and the possibilities of a new pragmatism. *Critical Perspectives on Accounting*, 1(63):1-19.

- Gomes, A. F., Santana, W. G. P., & Araújo, U. P. (2009). Empreendedorismo feminino: o estado-da-arte. In: *Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD)*.
- Gomes, A. S. (2021). A história da contabilidade e a evolução da mulher: empoderamento e crescimento profissional feminino. *Revista de Estudos Interdisciplinares do Vale do Araguaia*, 4(02): 1-16.
- Gray, R., Dillard, J., & Spence, C. (2013). Pesquisa em contabilidade social como se o mundo importasse um ensaio sobre nostalgia e um novo absurdismo. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 7(17): 119-133.
- Greenhaus, JH e Beutell, NJ (1985). Sources of Conflict between Work and Family Roles. *The Academy of Management Review*, 10(1): 76-88.
- Haslam, J. (2016). Informings for Control and Emancipatory Interests in Accounting: New Reflections on the Intellectual Emancipation of Accounting and the Possibilities of Emancipatory Accountings. In: Haslam, J., Sikka, P. *Pioneers of Critical Accounting: A Celebration of the Life of Tony Lowe*, Palgrave Macmillan, pp. 143-161.
- Instituto Rede Mulher Empreendedora - IRME. (2019). Pesquisa "Empreendedorismo no Brasil: um recorte de gênero nos negócios". Disponível em: <https://materiais.rme.net.br/empreendedorismo-no-brasil-um-recorte-de-genero>. Recuperado em: 10/12/2020.
- Kosminsky, E. (1986). Pesquisas qualitativas: a utilização da técnica de histórias de vida e de depoimentos pessoais em sociologia. *Ciência e Cultura*, 38(1):30-36.
- Jablonski, Bernardo (1996): Papéis conjugais: conflito e transição, in: Féres-Carneiro, Terezinha (org): Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal (Coletâneas da Anpepp no. 1, pag. 113-124). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia.
- Jonathan, E. G. (2005). Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida. *Psicologia em Estudo*, (1)10: 373-382.
- Julien, P. A., Marchesnay, M., & Machado, H. V. (2012). Interdisciplinaridade da pesquisa em empreendedorismo e em PME: por uma teoria empreendedora que contemple diferenças culturais. *Gestão & Planejamento*, 11(2): 355-368.
- Kobeissi, N. (2010). Gender factors and female entrepreneurship: International evidence and policy implications. *Journal of International Entrepreneurship*, 8(1): 1-35.
- Lugarinho, M. C. (2013). Masculinidade e colonialismo: em direção ao “homem novo” (subsídios para os estudos de gênero e para os estudos pós-coloniais no contexto de língua portuguesa). *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana (NEPA) da UFF*, 5(10): 15-38.
- Madalozzo, R. (2011). CEOs e composição do conselho de administração: a falta de identificação pode ser motivo para existência de teto de vidro para mulheres no Brasil? *Revista de Administração Contemporânea*, (1)5: 126-137.
- Mari, M., Poggesi, S., & De Vita, L. (2016). Family embeddedness and business performance: evidences from women-owned firms. *Management Decision*, 54(2): 476-500.
- Martins, L. C., & Branco, A. U. (2001). Desenvolvimento moral: considerações teóricas a partir de uma abordagem sociocultural construtivista. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 1(17): 169-176.
- Menezes, M. G. D., & Santiago, M. E. (2014). Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. *Pro-Posições*, (1)25: 45-62.
- Monteiro, C. F. D. S., & Souza, I. E. D. O. (2007). Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano. *Texto & Contexto-Enfermagem*, (1)16: 26-31.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, 22 (37): 7-32.
- Mussak, E. (2004). O entusiasmo do empreendedor. *Vencer*, 56(1): 98.
- Nogueira, M., Alvarez, C., & Urbano, D. (2013). Socio-cultural factors and female entrepreneurship. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 9(2): 183-197.

- Oliveira, M. F. (2011). Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: *Universidade Federal de Goiás*.
- Onozato, E., Bastos Junior, P. A., Greco, S. M. S. S., & Souza, V. L. (2020). Global Entrepreneurship Monitor (GEM). Empreendedorismo no Brasil: 2019. Curitiba: *Instituto Brasileiro de Qualificação Profissional*.
- Queiroz, J. L. A. P. (2013). Trajetória de vida e trabalho das mulheres empreendedoras de Boa Vista, Roraima: avanços e vitórias. Dissertação de Mestrado - *Universidade Federal do Amazonas, Brasil*.
- Queiroz, M. I. P. (1983). Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. São Paulo: *Biblioteca Digital de Produção Intelectual da Universidade de São Paulo*.
- Quental, C., & Wetzel, U. (2002). Equilíbrio trabalho-vida e empreendedorismo: a experiência das mulheres brasileiras. In: *Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD)*.
- Robb, A. M., & Watson, J. (2012). Gender differences in firm performance: Evidence from new ventures in the United States. *Journal of Business Venturing*, 27(5): 544-558.
- Rodrigues, H. E. (2020). Empreendedorismo feminino no meio rural paraense: estudo com agricultoras familiares em municípios do Baixo Tocantins. Dissertação de Mestrado - *Universidade Federal Rural da Amazônia, Brasil*.
- Sarkar, S. (2010). Empreendedorismo e inovação. Forte da Casa: *Escolar Editora*.
- Sampaio, E. S., Gomes, D. R. R., & Porte, M. S. (2017). História da contabilidade e o gênero feminino: o caso Anna Jansen, a rainha do maranhão (Sec. XIX). *Revista Española de Historia de la Contabilidad*, 14(26): 59-89.
- Santos, C. M. M., Tanure, B., & de Carvalho Neto, A. M. (2014). Mulheres executivas brasileiras: O teto de vidro em questão. *Revista Administração em Diálogo*, 16(3): 56-75.
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae. (2020). Brasil deve atingir marca histórica de empreendedorismo em 2020. Disponível em: <https://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/brasil-deve-atingir-marca-historica-de-empreendedorismo-em-2020,d9c76d10f3e92710VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Recuperado em: 15/12/2020.
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae. (2018). Os desafios da mulher empreendedora. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/os-desafios-da-mulher-empreendedora,e74ab85844cb5510VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Recuperado em: 18/12/2020.
- Silva, S. M. C. D. (2016). Tetos de vitrais: gênero e raça na contabilidade no Brasil. Tese de Doutorado - *Universidade de São Paulo, Brasil*.
- Souza, M. B., Magalhães Trindade, F., Freire, R., & Lyra, F. R. L. R. (2016). Potencial empreendedor de empresárias do setor turístico de Florianópolis (SC). *Revista Alcance*, 23(4): 455-474.
- Schweitzer, S. (2008). As mulheres e o acesso às profissões superiores: uma comparação europeia, séculos XIX e XX. In: Costa, A. O. et al. (Org.). Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais. Rio de Janeiro: *Editora FGV*.
- Strobino, M. R. D. C., & Teixeira, R. M. (2014). Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. *Revista de Administração*, (1)49: 59-76.
- Shelton, L. M. (2006). Female entrepreneurs, work–family conflict, and venture performance: New insights into the work–family interface. *Journal of Small Business Management*, 44(2), 285-297.